

A VOZ MEDIAL: DO LATIM AO PORTUGUÊS

Castelar de Carvalho
UFRJ

1 – Introdução

Já no século I a.C., o grego Dionísio da Trácia, conhecido como o primeiro gramático do ocidente, apresentava em sua *Tekhné Grammatiké* (adaptada pelos romanos com o título de *Ars Grammatica*) três vozes verbais: ativa (*enérgeia*), passiva (*pathos*) e média (*mesótes*), definindo esta como uma combinação das outras duas.

O nosso termo *voz verbal* corresponde ao que a gramática grega chamava de *diáthesis* ou “maneira de ser de um verbo”. Na adaptação latina, foi adotado originalmente o termo *genus* (gênero). Depois, percebendo a imprecisão em que haviam incorrido, criaram os gramáticos romanos o termo *species verbi* (aspecto verbal), substituído depois por *vox verbi* (voz verbal), transmitido posteriormente às gramáticas das línguas românicas. Concebia-se, portanto, o verbo, a princípio, como portador da categoria gramatical de gênero, à semelhança dos nomes, daí a divisão da voz verbal em ativa (associada ao masculino, o ser agente, aquele que pratica a ação) e passiva (associada ao feminino, o ser paciente, aquele que sofre a ação).¹

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não adotou o termo *voz medial*, preferido a este o termo *voz reflexiva*, o qual, pelo seu caráter reducionista, comprometeu a compreensão exata do dinamismo e da complexidade inerentes a essa importante categoria gramatical para a qual os gregos já tinham voltado as suas vistas: a voz média.

Neste trabalho, iremos tratar da evolução da voz medial, do latim ao português, detendo-nos particularmente na sintaxe do pronome reflexivo *se* em nossa língua, sob as perspectivas diacrônica e sincrônica.

Nosso ponto de partida será o latim clássico.

1 O adjetivo *passivus* vem de *passio* (paixão), que significa “ação de suportar, de sofrer”. Cf. “a paixão (sofrimento) de Cristo”. A paixão amorosa, significando o sofrimento causado pelo amor a quem ama, é um caso de especialização de sentido.

2 – Latim Clássico

Começemos pela categoria gramatical das vozes verbais.

O latim herdou do indo-europeu as vozes ativa e medial, esta última com três valores, transmitidos ao latim, que posteriormente os legou ao português: medial reflexiva, medial recíproca e medial dinâmica.

Detenhamo-nos na questão da voz medial e da sintaxe do pronome *se*. No latim clássico (LC), o pronome *se* tinha valor unicamente reflexivo ou medial, usado apenas no caso acusativo como complemento de verbo transitivo direto e refletindo sempre uma ação praticada por um sujeito de 3.^a pessoa.

Nesse sentido, o pronome *se* podia ser usado para expressar os três valores da voz medial:

- a) medial reflexiva: *Petrus se laudat* (Pedro se louva);
- b) medial recíproca: *Petrus et Maria se amant* (Pedro e Maria se amam);
- c) medial dinâmica, com verbos tornados pronominais, indicadores de cuidados corporais (*se vestire* = vestir-se), estados de espírito (*se indignare* = indignar-se), movimento (*se exercere* = exercitar-se), ocultamente (*se abscondere* = esconder-se), afastamento (*se eximire* = afastar-se), etc.

É a voz medial dinâmica que possibilita o emprego do pronome *se* com valor expletivo (medial expletiva) junto a verbos intransitivos de movimento

(...) para atribuir una mayor fuerza a la acción: *vadent se unusquisque ad hospitium suum* (*Peregr. Aeth.*, Bassols, I, 1956: 282; todos se dirigem (se vão) para seu alojamento).

Este uso do *se* junto ao verbo *vadere* lembra o nosso *ir-se*, em que o pronome reflexivo, pelo seu valor mais estilístico do que propriamente gramatical, recebe de nossas gramáticas a atribuição de “partícula de realce”. É um bom exemplo da medial dinâmica em latim, aquilo que Mattoso Câmara (1978:164) chamou de “medial expletiva”. Embora o exemplo apresentado por Bassols seja da *Peregrinatio*, o mesmo é válido, uma vez que o texto da monja conserva certas reminiscências literárias.

É também a medial dinâmica que irá permitir o uso do reflexivo com sujeitos inanimados, numa espécie de personificação metafórica do referido sujeito e, *ipso facto*, do pronome-acusativo *se*, como nos exemplos abaixo citados por Müller (1924:88):

tamen ipsa virtus se sustentare posse videatur (*Cic., Epist. Fam.*, VI, I, 4; = embora a própria virtude pareça poder se sustentar);

negotia se nostra sic habent (Cic., *ad Fratrem*, III, II, 2; = os nossos negócios assim se mantêm);

inter duo brachia, qua se dividit vitis (Columella, *Re rust.*, IV, XXIV; = entre dois ramos em que a videira se divide).

Havia também a possibilidade de o pronome reflexivo de 3.^a pessoa ser usado referindo-se a um sujeito vago e indefinido, sintaticamente não expreso na oração. Esse emprego podia ocorrer com verbos tanto na voz ativa como na passiva sintética impessoal, como o demonstra Bassols (I, 1956:195):

A veces el reflexivo va referido a un sujeto indefinido (= “uno, se”) implícito, pero no expreso; asi: *quod sibi petitur*... “lo que uno pide para si” (Cic.).

No latim clássico, o pronome *se* não tinha valor passivo ou apassivante, nada que fizesse lembrar o nosso pronome apassivador (*se-PA*) na chamada passiva pronominal, esta uma criação românica.

No que se refere à indeterminação do sujeito, o LC usava para esse fim tanto a voz ativa quanto a passiva, explorando, desse modo, recursos lexicais e sintáticos.

Das construções ativas impessoais algumas passaram ao português: *dicunt* (dizem), *dicit* (diz que), etc.

Na voz passiva, a impessoalidade verbal era expressa pela:

- a) passiva analítica (passiva *stricto sensu*, criação latina, nos tempos do perfectum): *scriptum est* (escreveu-se), *scriptum erat* (tinha-se escrito), *scriptum erit* (ter-se-á escrito);
- b) passiva sintética (originária da voz medial do indo-europeu, também chamada de médio-passiva, nos tempos do infectum): com v. intr.: *itur* (vai-se), *vivitur* (vive-se); com trans. ind.: *invidetur potentibus* (tem-se inveja aos poderosos). Conhecido é o exemplo de Vergílio: *Sic itur ad astra* (assim se vai aos astros).

Vale lembrar que:

- a) essas construções passivas – tanto as analíticas quanto as sintéticas – tinham, na verdade, valor ativo, a par do impessoal;
- b) nenhuma das construções passivas impessoais do LC passou ao português.

Temos, portanto, que no LC o pronome *se* era empregado exclusivamente com valor reflexivo ou medial, desempenhando a função sintática de acusativo (obj. direto) e eventualmente, em circunstâncias sintáticas específicas,

a de sujeito de infinitivo (*accusativus cum infinitivo: se facit esse venustum* (ele se imagina ser gracioso), Cat., *apud* Bassols, II, 1956:222).

3 – Latim Vulgar

No latim vulgar (LV), as três vozes verbais sofreram alterações.

A voz ativa foi ampliada pela inclusão dos verbos depoentes, que, com a perda das desinências médio-passivas, passaram para a conjugação ativa; a medial não só se conservou como teve seu emprego ampliado pela possibilidade de os ex-depoentes, tomados ativos, serem usados pronominalmente; além disso, o deslocamento do valor médio contido na passiva sintética (médio-passiva) para construções pronominais contribuiu potencialmente para uma ampliação do emprego da voz medial. Quanto à voz passiva, esta sofreu uma completa reformulação, como veremos a seguir.

A busca de clareza, representada sintaticamente pela natureza analitizante do LV, realocou os valores médio e passivo contidos na passiva sintética clássica,

- a) deslocando o valor médio (medial sintética) para construções pronominais (medial analítica): *me moveo* em vez de *moveor*; *me laudo* no lugar de *laudor*;
- b) transferindo *in totum* o valor passivo propriamente dito para a passiva analítica, revalorizada sintaticamente, nela incluindo os tempos do infectum: *amatus sum* equivalendo a *amor* = “sou amado”, e não “fui amado”, como era no LC.

Quanto ao valor impessoal da passiva sintética, este encontra correspondência no português em construções pronominais impessoais do tipo *vive-se*, *aluga-se casa*, *obedece-se aos pais*, etc., uma extensão da medial dinâmica vulgar em nossa língua através da estrutura sintática impessoal fossilizada [subj. Ø + v. 3.^a p.s. + *se*-IIS + (nome)], cuja origem remota talvez possa se situar no próprio LV tardio, em um possível desdobramento de formas passivas impessoais (medial sintética) + acusativo (*fit orationem*, cf. *Peregr.*) em perífrases verbo-pronominais (medial analítica) de valor igualmente impessoal (**facit se oratio (nem)*).

Essa nova medial analítica ampliada pelo LV irá fixar-se em português com os valores reflexivo propriamente dito e medial dinâmico, dando origem às atuais funções e atribuições sintáticas do nosso pronome *se*.

Com relação ao nosso *se*-PA, resultado da interpretação passiva de construções mediais dinâmicas com sujeito inanimado (a chamada passiva prono-

minal), pensamos tratar-se de criação românica, visto que, em latim, as construções mediais analíticas não tinham valor passivo. Os exemplos apontando a existência da chamada passiva pronominal já no LV são discutíveis.

4 – Português

Na língua portuguesa, o pronome *se*, sob o aspecto reflexivo propriamente dito, conservou, em suas linhas gerais, a fisionomia sintática herdada do latim vulgar.

Da medial reflexiva (medial *stricto sensu*), herdou o nosso *se* as funções de:

- a) obj. direto (*se-OD*): *Pedro se feriu; Pedro e Maria se amam* (medial recíproca);
- b) obj. indireto (*se-OI*): *Ela se arroga esse direito*;
- c) suj. de infinitivo (*se-SI*): *Pedro deixou-se ficar em casa*.

A função de obj. indireto *se* justifica pelo fato de a forma arcaica *si* (LV *si < sibi*, por analogia com *mi < mihi*), em posição átona, ter acabado evoluindo para *se*; em posição tônica, *si* não sofreu alteração.

Quanto à medial dinâmica (medial *lato sensu*), esta sim, representa para a língua portuguesa o lado mais produtivo e inovador da medial analítica vulgar. Dela receberá o nosso pronome *se* as atribuições sintáticas de:

- a) parte integrante do verbo (*se-PIV*), com verbos:
 - pronominais (ditos essenciais): *queixar-se, arrepender-se*, etc.;
 - pronominalizados² (ditos acidentais): *sentar-se, casar-se*, etc.
- b) pronome expletivo ou partícula de realce (*se-PR*), com certos verbos intransitivos: *rir-se, chegar-se, ir-se*, etc., como no exemplo de Machado de Assis: “Riu-se meu pai, e depois de rir, tomou a falar sério” (*Brás Cubas*, XXVI);
- c) índice de indeterminação do sujeito (*se-IIS*), em construções impessoais (de agente humano indeterminado) com verbos intransitivos,

2 Gladstone Chaves de Melo (1978:103) denomina os pronominais acidentais de *pronominalizados*. Nessas circunstâncias, o pronome assume características de reflexivo fossilizado, à feição de *se-PIV*, o que pode, em certos casos, criar uma fronteira ambígua na interpretação do comportamento sintático do reflexivo, oscilante entre *se-OD* e *se-PIV*. Neste trabalho, referimo-nos a esses verbos como *pronominalizados*.

transitivos e de ligação, nas quais o pronome, esvaziado de seu valor reflexivo, se apresenta cumulativamente como parte integrante e indissociável do predicado, numa espécie de sincretismo sintático: *vai-se à Itália, vive-se bem, estuda-se latim, precisa-se de empregada, é-se feliz*, etc.

Nas construções mediais em que o pronome *se* exerce as atribuições acima descritas, o que prevalece é a noção de atividade verbal.

No registro culto formal da língua, a medial analítica, empregada com verbos transitivos diretos + sujeitos inanimados (*estuda-se latim*), ou animados tidos pela lógica gramatical como incapazes de praticar a ação verbal (*Pedro se vacinou*), prestar-se-á também a uma interpretação passiva – a chamada passiva pronominal (ou sintética). Essa modalidade de passiva é considerada pela doutrina gramatical (DG) como equivalente à passiva analítica geral românica: *estuda-se latim* = latim é estudado; *Pedro se vacinou* = Pedro foi vacinado.

É nessas circunstâncias, condicionadas por motivações transcendentais (lógica gramatical) e imanentes (predicação/concordância verbal), ambas passíveis de contestação sintática, que o reflexivo recebe da DG a classificação de pronome apassivador (*se-PA*).

À interpretação passiva das referidas construções pronominais, recomendada pela DG, se contrapõem, no entendimento lingüístico dos falantes:

- a) uma interpretação ativa e impessoal: *estuda-se latim* (cf. *alguém estuda latim*); *se* = IIS;
- b) uma interpretação medial dinâmica: *Pedro se vacinou* (à semelhança de *Pedro se casou*); *se* = PIV.

Essa oscilação interpretativa (*se-IIS/ se-PA, se-PA/ se-PIV*) do comportamento sintático do pronome reflexivo constitui uma das fronteiras ambíguas mais intrigantes e polêmicas da sintaxe portuguesa. Desse modo, tem sido objeto de estudo de filólogos brasileiros e lusitanos, na companhia dos quais modestamente nos colocamos com nossa Tese de Doutorado, que busca, a par da detecção de tendências, de reflexões pessoais e apreciações críticas, elaborar um corpo de contra-argumentos sintáticos à tese da chamada passiva pronominal, no âmbito da filologia portuguesa.³

3 Aos estudiosos interessados no assunto, sugerimos consultar o texto integral de nossa Tese de Doutorado, intitulada *O pronome SE: uma palavra oblíqua e dissimulada* (1990), à disposição na Biblioteca da Pós-Graduação da Fac. de Letras – UFRJ.

5 – Reflexões Finais

Gostaríamos de encerrar este trabalho destacando certos pontos importantes e que despertaram a nossa atenção durante a pesquisa. Referimo-nos ao comportamento sintático ambíguo do pronome *se*, inerente à voz medial, sobretudo no que diz respeito ao português do Brasil.

Começemos pelos verbos pronominais. Sua divisão em essencialmente pronominais e acidentalmente pronominais deixa transparecer algumas das dissimulações do nosso pronome.

Pensamos que no eixo paradigmático, o reflexivo tem potencialmente a capacidade de exercer tanto a função de *se*-OD (medial reflexiva) como a atribuição de *se*-PIV (medial dinâmica). No eixo sintagmático, contudo, onde relações *in praesentia* deveriam definir concretamente a questão, podem surgir problemas na interpretação do comportamento sintático do pronome.

Entendemos que a diferença entre um *se*-OD e um *se*-PIV reside no fato de neste, mais do que naquele, o reflexivo, como expressão da medial dinâmica, representar o mais alto grau de integração do sujeito no processo verbal, uma espécie de integração irreversível, expressa sintaticamente pela fossilização do pronome-objeto e sua integração à conjugação do verbo, dito, neste caso, essencialmente (ou privativamente) pronominal, como por ex.: *arrepender-se*, *abster-se*, *ater-se*, *atrever-se*, *apiedar-se*, *afeiçoar-se*, *dignar-se*, *queixar-se*, *suicidar-se*, *ufanar-se*, etc.

Já no caso dos acidentalmente pronominais (pronominalizados), o que se nota é um comportamento ambíguo por parte do pronome, resultado de situações-limite, a saber:

- a) Em alguns casos, o pronome *se* apresenta, à feição de um *se*-PIV, como que já integrado ao verbo ou em vias de fossilização, como, por ex., em *ele vive se lamentando* (= *se queixando*), a par do uso não-pronominal do verbo como transitivo direto: *ele lamentou* (= *lastimou*) o fato. Trata-se de situações em que o verbo, por um lado, apresenta um emprego pronominalizado específico e semelhante aos dos essencialmente pronominais; e por outro, um uso transitivo não-pronominal, fato que não ocorre com os privativamente pronominais. Coisas da voz medial. Servem de exemplo: *angustiar-(se)*, *amendrontar-(se)*, *apaixonar-(se)*, *dar-(se)*, *desabafar-(se)*, *entusiasmar-(se)*, *esforçar-(se)*, *impacientar-(se)*, *orgulhar-(se)*, *preocupar-(se)*, *sentir-(se)*, etc.
- b) Em outros casos, o pronome oscila, oblíqua e dissimuladamente, entre a medial reflexiva (*stricto sensu*) e a medial dinâmica (*lato sensu*),

isto é, entre *se*-OD e *se*-PIV, ou melhor, uma espécie de *se*-PIV *ad hoc*. Também neste caso, coisas da voz medial. Por ex.: *apresentar-(se)*, *convencer-(se)*, *desvalorizar-(se)*, *descontrair-(se)*, *conscientizar-(se)*, *preparar-(se)*, *recuperar-(se)*, etc. Seria o caso de chamar o pronome, nestas situações, de um *se* mutante? Esta oscilação parece sugerir que o grau de integração do sujeito na ação verbal (representada pela presença do reflexivo) não é tão intenso quanto o que ocorre na situação anterior, a qual, por sua vez, configura uma situação muito próxima da integração extrema e irreversível presente nos verbos privativamente pronominais.

- c) Há também a situação oposta: é o caso dos verbos despronominalizados, que, na condição de ex-pronominais, passam a intransitivos, afastando-se do uso medial e definindo-se pelo pólo verbal da voz ativa. Nesses casos, a presença do pronome parece se revestir de um caráter eventual e fortuito, à semelhança do uso expletivo (cf. *ir-(se)*, *rir-(se)*, etc.), levando-o a oscilar entre as atribuições de *se*-PIV *ad hoc* e *se*-PR, como por ex., em *ela (se) sentou*, *ele (se) levantou*, *Pedro (se) casou*, etc. Sousa da Silveira (1971:99) e Barbadinho (1972:114) apresentam extensas listas desses verbos.⁴

Em resumo, no eixo sintagmático, em alguns casos, define-se e consoma-se o comportamento sintático do pronome; em outros, permanecem as fronteiras ambíguas a que fizemos referência, devidas, em última instância, à origem medial comum tanto ao *se*-OD como ao *se*-PIV (e até mesmo ao *se*-PR na medial expletiva), facetas oblíquas, e por vezes dissimuladas, de uma mesma moeda: a voz medial. Não percamos de vista que, no fundo, todo *se*-PIV é um *se*-OD fossilizado.

Infelizmente, os dicionários de regência verbal disponíveis não dão conta dessas ambigüidades e sutilezas, registrando tais verbos, indistintamente, como pronominais. Neste trabalho, tivemos oportunidade de chamar a atenção para o problema, apontando fronteiras ambíguas, em alguns casos. Ressalvamos que somente o *uso* poderá definir certas ambivalências e idiosincrasias próprias do comportamento sintático do nosso reflexivo.

Gostaríamos agora de relacionar estas reflexões a respeito dos verbos pronominais com o uso da estrutura sintática impessoal [su]. Ø + v. 3.^a p.s. + *se*-IIS]. É que os referidos verbos não se prestam ao emprego impessoal. Por

4 Neste início de 1997, cartazes espalhados pela cidade anunciavam o lançamento do filme *Pequeno dicionário amoroso*, nestes termos: “Não case nem separe sem ver este filme”. Sousa da Silveira estava certo quando escreveu que a tendência do português era a de abandonar o pronome *se*-PIV “como um trambolho”.

isso, não aparecem na mencionada estrutura. Cumpre, a esta altura, aprofundar este ponto.

Além de certas restrições condicionadas (incompatibilidade fônica, sintática e de uso), podemos acrescentar que nos verbos essencialmente pronominais, o *se*, na condição sintática de PIV, reflete, mais do que em qualquer outra circunstância de uso medial, a integração intensa do sujeito na ação que dele emana. É por isso, também, que esses verbos não se prestam ao emprego impessoal, não ocorrem em orações de sujeito indeterminado. As construções de verbo essencialmente pronominal na 3ª pessoa, seja com nome anteposto, seja posposto ao verbo, serão sempre e necessariamente pessoais. Vejamos alguns exemplos:

O povo *se queixa* / *queixa-se* o povo.

O culpado *se arrepende* / *arrepente-se* o culpado.

O aluno *se suicidou* / *suicidou-se* o aluno.

Estejam antes ou depois dos verbos pronominais acima, os nomes *povo*, *culpado* e *aluno* desempenharão sempre a função de sujeito. A nosso ver, trata-se de frases representativas da voz medial dinâmica, com o reflexivo desempenhando exclusivamente a atribuição sintática de *se*-PIV. E isto independentemente da presença, nos referidos sujeitos, dos traços semânticos humano e animado. Lembremos que na medial dinâmica existe a possibilidade de personificação de sujeitos não-humanos ou inanimados (v., por ex., o soneto *A vingança da porta*, de Alberto de Oliveira).

Já com os verbos acidentalmente pronominais, podem ocorrer situações de ambigüidade, devido à natureza sintática ambivalente desses verbos, como já comentamos.

Ainda com referência à estrutura sintática impessoal [suj. Ø + v. 3.ª p.s. + *se*-IIS], gostaríamos de enfatizar a constatação desta pesquisa, segundo a qual a referida estrutura tem, na sintaxe viva do português do Brasil, caráter generalizante. Ela comporta toda a gama da predicação verbal portuguesa, inclusive os verbos transitivos diretos, em construções reconhecidas pelos falantes como portadoras de valor ativo e impessoal, como por exemplo, *aluga(m)-se casa(s)*, *estuda-se latim*, etc. Tais construções identificam-se com outras de igual valor, formadas com verbos intransitivos (*vai-se à escola*, *dorme-se bem no inverno*), transitivos indiretos (*necessita-se de tempo*) e de ligação (*é-se feliz*). Em todas, o pronome, esvaziado da função reflexiva, exerce a atribuição sintática de *se*-IIS. Em todas, o que existe é a noção de atividade e de impessoalidade verbais.

Quanto à interpretação passiva dessas construções pronominais impes-

soais com verbo transitivo direto (tipo *aluga-se casa*, *aceita-se encomendas*, etc.), a linha de visada do futuro, com base na tendência atualmente observada, aponta no sentido de ficar a referida interpretação confinada ao âmbito gramatical da língua, “à esfera dos eruditos”, como diz Clóvis Monteiro (1959: 70). A não ser que a doutrina gramatical em vigor sobre o assunto acabe assimilando o sentimento, a esta altura patente na sintaxe viva, do valor ativo e impessoal das referidas construções. Como já fez, aliás, em torno de outros pontos igualmente controversos da sintaxe portuguesa (cf. a polêmica e célebre questão da colocação de pronomes, para citar apenas um exemplo).

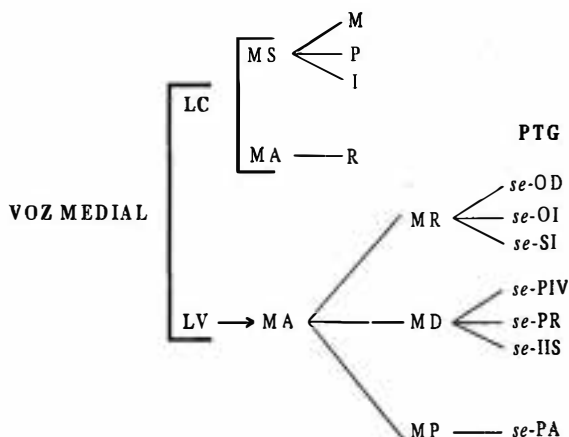
Conforme diz Rodrigues Lapa (1970: 146), “por ora, ainda lá não chegamos”. Apesar das sábias e doudas ponderações de ilustres estudiosos brasileiros, como Said Ali, Antenor Nascentes, Celso Luft; e portugueses, dentre os quais se destaca o nome do próprio Rodrigues Lapa.

Com efeito, “ainda lá não chegamos”, mas certamente para lá caminhamos, pois como ensina o Prof. Sílvio Elia (1989: 21),

(...) a norma culta não é obra de especialistas, fabricada em gabinetes. Ela se constitui através dos tempos, graças à profícua atividade das pessoas cultas, em gerações sucessivas. (...) Ela *pré*-existe e não *pós*-existe à análise e investigação dos doutos.

E no momento atual da língua portuguesa no Brasil, “as pessoas cultas”, aquelas que forjam a nossa norma culta, em sua grande maioria, sentimos e entendemos como portadoras de valor ativo e impessoal construções pronominais do tipo *aluga-se casa*, *aceita-se encomendas*. E essa conjunção de sentimento e entendimento lingüísticos certamente “pré-existe” à interpretação passiva que dessas construções faz a doutrina gramatical ainda em vigor.

Encerrando, apresentamos o esquema resumitivo abaixo:



Bibliografia

- BARBADINHO NETO, Raimundo. *Tendências e constâncias da língua do modernismo*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1972.
- BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. *Sintaxis latina* (2 vol.). Madri, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1956.
- CAMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. 4.^a ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1972.
- _____. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1978.
- CARVALHO, Castelar de. *O pronome SE: uma palavra oblíqua e dissimulada*. Tese de Doutorado (mimeo). Rio de Janeiro, Faculdade de Letras – UFRJ, 1990.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7.^a ed., Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.
- ELIA, Sílvio. *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo, Ática, 1989.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 6.^a ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1970.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 3.^a ed., Porto Alegre, Globo, 1979.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3.^a ed., Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978.
- MONTEIRO, Clóvis. *Português da Europa e português da América*. 3.^a ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1959.
- MÜLLER, Henri F. "The passive voice in vulgar latin". In: *The romanic review*, vol. XV. New York, Columbia University Press, 1924.
- NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. 3.^a ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.
- SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.^a ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957.
- SOUSA DA SILVEIRA, Álvaro Ferdinando de. *Fonética sintática*. 2.^a ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Trad. Antonio Houaiss. Rio de Janeiro, INL, 1961.
